
AMIZADE E FRACASSO

ESCOLAR*

Jussara Cristina Barboza Tortella**
Flávia Maria de Campos Vivaldi ***
Luciana Karine de Souza****

É cada vez maior o interesse científico pelo impacto, positivo ou negativo, dos relacionamentos interpessoais nos contextos educacionais. Mais especificamente no contexto escolar, têm sido numerosas as publicações sobre *bullying*, bem como sobre a relação professor-aluno. São exemplos brasileiros nestes temas os trabalhos de Almeida, Cardoso e Costac (2009) e de Tacca e Branco (2008), respectivamente.

No que diz respeito às relações de pares em crianças que frequentam a escola, o estudo sobre as relações de amizade tem sido objeto de interesse científico, tanto de pesquisadores da Educação como da Psicologia. Embora as pesquisas brasileiras sobre amizade, de modo geral, se concentrem mais na área da Psicologia (GARCIA, 2005a; 2005b; 2008; SOUZA, 2007a, 2007b, 2008), Garcia (2005b) observou que há, na interface com a educação, uma literatura publicada sobre amizade no ambiente escolar com três características principais: a) o foco no papel da amizade na adaptação escolar; b) a amizade de crianças com deficiência de aprendizagem (poucos amigos mútuos, mais amigos com déficit de aprendizagem, amigos mais jovens, amizades menos estáveis); e c) escassez de pesquisa sobre o papel dos amigos na elaboração de conteúdos transmitidos pela escola.

A partir desta avaliação da literatura publicada, parece socialmente relevante e cientificamente justificado desenvolver estudos no campo da Psicologia Educacional sobre a influência das amizades na aprendizagem de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Mais especificamente, estudos comparativos de crianças e jovens com

e sem dificuldades de aprendizagem têm potencial para contribuir tanto para a comunidade científica que se dedica a estes temas como para os profissionais educadores que por vezes carecem de melhores recursos para lidar com os aspectos sócio afetivos que atravessam os processos de ensino-aprendizagem no contexto escolar. Afinal, a Psicologia Educacional, enquanto campo que se dedica a estudar os “processos de mudança comportamental relacionados com as atividades e as situações educativas” (SALVADOR *et al.*, 2000, p. 68), vai estar atenta também às relações interpessoais que impulsionam ou inibem comportamentos em situações de ensino-aprendizagem.

No caso das dificuldades de aprendizagem que podem conduzir ao fracasso escolar, dados nacionais mostram que em 2010 a taxa de distorção idade-série até o 5º ano foi de 18,5%, e do 6º ao 9º chegou a 29,6% (INEP, 2010). A reprovação e a repetência, nesse caso, ilustrando desempenho acadêmico aquém do esperado, são objetos de interesse tanto de pesquisadores como de profissionais de políticas públicas no campo da educação.

Os fatores mais associados a este quadro já são conhecidos e divulgados em relatórios técnicos e textos científicos, envolvendo as características do aluno, do ambiente familiar, do professor, as condições de desenvolvimento e do ensino, e investimento e políticas educacionais (CARVALHO; LINHARES; MARTINEZ, 2001; MARTURANO, 1999; SOUZA, 1997). Assim, o fracasso escolar deve ser entendido como um fenômeno de causas múltiplas, intrínsecas e extrínsecas ao indivíduo.

Um destes fatores, acredita-se, envolve a dimensão afetiva dos sujeitos inseridos em uma situação educativa, especialmente no caso do fracasso escolar. Muitos autores consideram que a dimensão afetiva contribui para a aquisição de atitudes positivas em relação a professores, às disciplinas por eles ministradas e, conseqüentemente, para a aprendizagem dos alunos na sala de aula (DIAS, 2003; ESPINOSA, 2002; RIBEIRO; JUTRAS, 2006). Enquanto Moll (1999, p. 480) frisa que “a relação afetiva abre a relação com o saber”, Codo e Gazzotti (1999, p. 50) destacam que “é por meio do estabelecimento das relações afetivas que o processo de ensino-aprendizagem se realiza”.

Em pesquisa realizada durante seu mestrado, Ornelas (2011) perguntou às pessoas como escolhiam seus amigos mais próximos. Para o autor, ficou claro que muitos homens têm dificuldade até mesmo de entender o conceito de “melhor amigo”, o que não ocorria com as mu-

Iheres, as quais respondiam à pergunta com naturalidade. Questionadas sobre as diferenças entre características desejáveis em uma amiga pouco íntima e na melhor amiga, as mulheres não conseguiram diferenciar estes dois tipos de amizade. Para elas, todas as amizades envolvem um grande investimento afetivo, que leva a enorme gasto de tempo, bem como recursos psíquicos. O autor deduz que esta compreensão feminina dificulta a manutenção de muitas relações muito próximas ao mesmo tempo. Em contrapartida, para os homens é importante ter um maior número de amigos, mesmo que isto implique perda da proximidade. Enquanto mulheres conferem maior importância à proximidade afetiva, mesmo em detrimento da quantidade, homens veem em grandes grupos a garantia de força e proteção.

É na adolescência que o sujeito, rompendo uma série de ligações que o prendiam ao mundo infantil, busca sua identidade pessoal no grupo de amigos. São novos laços tecidos sobre a ideia de pertencimento a um grupo, onde a compreensão e a aceitação relevam e revelam as incongruências e inconsistências de personalidade, típicas da adolescência. Rappaport (1982) ressalta que nesses grupos de amigos prevalecem normas e costumes próprios, muitas vezes em completo desacordo com os padrões adotados pela família. Lembra ainda que tais grupos caracterizam-se por uma uniformidade de conduta entre seus membros, pelo uso de roupas bastante semelhantes e por uma linguagem própria.

Em uma pesquisa anterior sobre as implicações da afetividade nos resultados acadêmicos de estudantes adolescentes com e sem histórico de fracasso escolar (VIVALDI; DELL' AGLI, 2011a; 2011b), as respostas referentes aos sentimentos dos estudantes sobre a escola chamaram a atenção para um novo objeto de estudo: a amizade. Dos 60 pré-adolescentes entrevistados naquela pesquisa, 38 responderam “amigos, amigas” à pergunta sobre o que mais gostam na escola.

O dado inesperado que surgiu nos resultados da pesquisa de Vivaldi e Dell' Agli (2011a; 2011b) sugere análise mais detalhada. Uma nova pergunta de pesquisa foi elaborada: as representações de amizade de estudantes com defasagem de idade/série igual ou superior a dois anos diferem das representações de estudantes em situação de regularidade escolar?

Assim, o presente trabalho investigou possíveis diferenças e semelhanças nas representações de amizade em adolescentes, bem como seu valor como investimento afetivo, entre grupos de estudantes com e sem histórico de fracasso escolar. Em virtude do que aponta a lite-

ratura empírica, diferenças de gênero também serão de interesse nas análises. Assim, importa avaliar a qualidade da amizade existente entre os estudantes com e sem histórico de fracasso escolar, e identificar semelhanças e possíveis diferenças nas representações de amizade entre os gêneros.

Procedimentos metodológicos

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa FCM/UNICAMP, a presente investigação foi apresentada à direção da escola, que concedeu permissão para o convite aos escolares que cumprem os critérios de inclusão do estudo: estudantes com e sem defasagem de idade/série. O trabalho utilizou Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o participante que aceitou o convite e seu responsável.

Ao final, participaram do estudo 60 alunos do Ensino Fundamental II de uma escola pública da cidade de Poços de Caldas (Minas Gerais). Trinta estudantes apresentavam defasagem de idade/série de no mínimo dois anos, e os outros 30 estavam em situação de regularidade escolar. O grupo com defasagem foi composto por 7 moças e 23 rapazes, com média de idade de 14,7 anos; o grupo sem defasagem, por 6 moças e 24 rapazes, com 13,7 anos de idade, em média.

Os estudantes responderam aos Questionários McGill de Amizade, adaptados e validados por Souza e Hutz (2007a), com uso permitido pelos autores. Os Questionários McGill avaliam a qualidade da amizade através da percepção do indivíduo sobre determinadas funções que um amigo preenche (no caso, ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo, intimidade e segurança emocional), sobre a satisfação com o relacionamento de amizade, e sobre os sentimentos positivos e negativos relacionados ao amigo. Estudos prévios detalham as características dos instrumentos e sua fundamentação conceitual (SOUZA; HUTZ, 2007a, 2007b, 2008).

Os questionários foram aplicados coletivamente aos dois grupos de estudantes, separados pela situação escolar (30 com defasagem e 30 sem defasagem), levando em média 30 minutos para o preenchimento das escalas que compõem os Questionários McGill. Previamente ao preenchimento, os participantes foram orientados a imaginar a pessoa a quem consideraram ser seu(ua) melhor amigo(a). A única dificuldade dos estudantes em compreender os enunciados do instrumento foi quanto à frase “Sinto-me ambivalente com relação à/ao (nome da melhor amiza-

de)”. O participante acenava e o aplicador explicava o que o item significava. Esta mesma dificuldade foi relatada por Souza e Hutz (2007a), que sugerem a revisão da escala de sentimentos negativos.

Foram calculadas as médias de cada participante nas escalas que compõem os Questionários McGill. Comparações de médias foram realizadas para averiguar diferenças de sexo, conforme sugeridas pela literatura empírica nacional, bem como para diferenças quanto à principal variável de interesse do presente trabalho: a defasagem idade/série. Foi utilizado o teste “t” para amostras independentes, com critério de igualdade de variâncias (*one-tailed*) ($p < 0,05$). Todo o tratamento estatístico foi feito por intermédio do software SPSS 18.

Resultados e discussão

Diferenças de gênero na percepção das relações de amizade próxima em adolescentes

As comparações de médias não acusaram diferença estatisticamente significativa entre moças e rapazes, no que diz respeito à ajuda, aliança confiável, autovalidação, companheirismo, intimidade, segurança emocional, satisfação com a amizade, sentimentos positivos e negativos direcionados ao amigo(a) indicado(a) no questionário. O único resultado que indica uma leve tendência para diferença significativa de sexo foi com significância limítrofe de 0,056 para a variável intimidade, com as meninas apresentando maior escore do que os meninos. O resultado desta variável foi $t = 1,04$; $gl = 58$; $p = 0,056$. No entanto, este não é considerado um resultado (estatisticamente) significativo.

Uma explicação possível para este resultado sem diferença estatisticamente significativa seria o tamanho reduzido da amostra. Portanto, foram também realizadas comparações de médias usando teste não-paramétrico. Os resultados foram os mesmos.

Interessantemente, o resultado “quase-significativo” quanto à variável intimidade na amostra feminina se aproxima dos resultados relatados na literatura empírica nacional sobre amizade.

Intimidade se refere à sensibilidade aos estados e necessidades do outro, havendo uma abertura para exposições e expressões honestas e sinceras de pensamentos e informações pessoais (SOUZA; HUTZ, 2007a). Ornelas (2011) também observou que, enquanto para os homens há uma inclinação em optar por um número maior de ami-

gos, para as mulheres a proximidade afetiva – a intimidade – é mais importante.

Ainda que as diferenças de médias não tenham sido significativas, as moças apresentaram médias superiores às dos rapazes em quase todas as variáveis, com exceção de aliança confiável e de sentimentos negativos. Resultados semelhantes foram encontrados por Souza e Hutz (2007b), com exceção de aliança confiável que, embora no estudo com adultos gaúchos não tenha sido encontrada diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres, a média foi levemente superior no grupo feminino. Souza e Hutz (2007b) também não encontraram diferença estatisticamente significativa para sentimentos negativos nem para satisfação com a amizade, nas comparações de gênero.

No que diz respeito aos resultados de gênero sobre aliança confiável no presente estudo e no estudo de Souza e Hutz (2007b), a indicação é de que se trata de uma variável fundamental em uma relação de amizade próxima. Como discutido em Souza e Hutz (2007a), e já altamente reconhecido pela literatura do campo das relações interpessoais e dos estudos sobre apego, a confiança é um elemento básico para que um vínculo afetivo e recíproco surja, se mantenha e possa gerar contribuições relevantes para o desenvolvimento como um todo das pessoas envolvidas na díade, por exemplo, entre dois irmãos, ou entre dois amigos. Assim, enquanto aspecto básico das relações humanas, entende-se por que não foram encontradas diferenças de gênero para aliança confiável. No entanto, a média superior no grupo dos rapazes deste trabalho e o resultado oposto no estudo com adultos gaúchos sugere a necessidade de mais estudos sobre esta questão.

De todo modo, durante a adolescência as relações de pares adquirem uma força maior sobre o sujeito do que a relação pais-filhos. O adolescente prefere seus grupos de amigos a seus pais, passa grande parte do tempo com seus pares, e isso lhe confere novas aquisições em termos de desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo. Já quanto aos aspectos negativos das relações de pares na adolescência, os conflitos interpessoais tendem a diferir quanto ao gênero: enquanto os meninos têm uma preferência por brigas mais diretas com uso de agressão física ou verbal, as meninas “brigam” de forma mais velada, através de exclusão, indiferença, revelação de segredos do amigo, e disseminação de fofocas e mentiras para atingir negativamente a imagem da amiga perante o grupo (SHAFFER, 2005). Nesse sentido, pode-se tentar compreender a média maior dos rapazes quanto à confiança no amigo por este viés: os

meninos não tendem a quebrar a confiança do amigo relevando seus segredos ou usando de fofocas sobre ele, enquanto para as meninas estas são estratégias correntes em conflitos interpessoais.

Diferenças na percepção das relações de amizade próxima em adolescentes, em função da defasagem escolar

Na análise entre os grupos com e sem histórico de reprovação, o grupo de reprovados apresentou média superior, e estatisticamente significativa, na função de autovalidação. O resultado formal foi $t = 0,97$; $gl = 58$; $p = 0,037$. Os demais resultados, embora não significativos (o teste não-paramétrico também foi utilizado em um segundo momento), sugerem uma diferença entre os grupos, que precisa ser mais investigada em trabalhos futuros: a ajuda, a aliança confiável e a intimidade foram de média superior no grupo sem defasagem; as demais variáveis receberam média maior do grupo com histórico de reprovação.

A “autovalidação” está associada à percepção de alguém que encoraja, escuta, tranquiliza, e ajuda a manter uma autoimagem como uma pessoa competente e digna, o que é ‘frequentemente alcançado através de comparação social e validação consensual das características e crenças próprias’ (ASHER *et al.*, 1996 *apud* SOUZA; HUTZ, 2007a, p. 84). Na linguagem dos adolescentes, o efeito da autovalidação vem de um amigo que “dá força”, auxiliando o indivíduo na manutenção de uma autoimagem positiva de si. Verificar uma média maior e estatisticamente significativa no grupo dos alunos com defasagem é um resultado relativamente surpreendente. A este respeito, cabe refletir que, se os participantes completaram os questionários McGill pensando em uma melhor amizade que eles possuem, isso significa que, para os participantes com defasagem, esta amizade está sendo de muito boa qualidade na questão da autoimagem positiva. Em outras palavras, o bom amigo está fazendo com que o aluno reprovado se sinta melhor consigo mesmo.

Por outro lado, estudos posteriores serão capazes de analisar se a boa amizade indicada pelos adolescentes em defasagem escolar também são estudantes em situação de defasagem. Neste caso, tanto o participante como seu amigo estão, muito provavelmente, reforçando positivamente seu status de reprovação. Isso, para adolescentes, pode ser indicativo de popularidade, especialmente quando a reprovação vem aliada a comportamentos desafiadores ao professor e à escola. Estudos norte-americanos realizados com adolescentes de baixo nível socioeconômico, por exem-

plo, denotaram esta tendência de uma imagem positiva de rebelde frente aos colegas de turma (ver estudo relatado em SHAFFER, 2005).

Uma hipótese-explicativa mais positiva, digamos assim, para amparar o resultado da maior autovalidação percebida na boa amizade do adolescente reprovado do presente trabalho seria considerar que é importante para os adolescentes reprovados possuir uma boa amizade para que seu senso de autovalidação não diminua. É possível, justamente, que em uma situação de reprovação o papel dos amigos seja importante para a autoestima do reprovado. Ele recebe uma contribuição boa para seu *self* a partir da função de autovalidação, que poderia estar fragilizada diante de uma situação de “fracasso” pela reprovação.

Considerações finais

O papel da escola é múltiplo e de suma importância para o desenvolvimento humano. Hoje está garantido no plano da lei o acesso à escola a todas as crianças do país. Os estudantes que fracassam sempre foram uma realidade, mas poucos permaneciam no sistema educacional, já que o mesmo era altamente excludente.

A exclusão ainda permanece, talvez de uma forma mais perversa, porque ocorre dentro do próprio sistema, trazendo situações de humilhação, vergonha, sentimento de abandono, inferioridade, entre outros, naqueles que não conseguem um desempenho adequado. E apesar de tudo, a escola ainda continua tendo a sua importância na visão dos escolares.

Conhecer a representação que jovens têm de amizade nos permite refletir sobre o papel da amizade para o bem-estar do estudante e sobre o que a escola faz a favor das relações de amizade de seus alunos. Isso remete a analisar como o valor da amizade tem sido entendido e trabalhado pela escola que, em muitas situações, focaliza a garantia do “bom andamento das aulas”

Frequentemente, a escola opta por separar melhores amigos na composição das turmas, temendo que a elevada proximidade de uma dúode de adolescentes comprometa o desempenho acadêmico de ambos, e quiçá da turma e da “paz” que o professor precisa para lecionar.

Se a função da escola é investir no desenvolvimento do aluno, ela deverá, portanto, resguardar as dimensões afetiva e social, tão necessárias quanto a cognitiva, para que de fato se garanta um desenvolvimento integral do ser humano. As boas relações de amizade dos estudantes podem, ao invés de serem vistas somente como fatores de

risco ao aprendizado e à comunidade escolar, ser consideradas como fatores de proteção para os indivíduos envolvidos. Com a mediação da escola, boas amizades podem auxiliar alunos em situação de defasagem escolar. Isso precisa ser considerado por educadores e por psicólogos, tanto no nível da pesquisa como no nível da atuação profissional direta com os adolescentes deste país.

Referências

ALMEIDA, S. B. de; CARDOSO, L. R. D; COSTAC, V. V. Bullying: conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. *Psicologia Argumento*, v. 27, n. 58, p. 201-206, jun/sep. 2009.

CARVALHO, A. E.; LINHARES, M. B. M.; MARTINEZ, F. E. História de desenvolvimento e comportamento de crianças nascidas pré-termo e baixo peso (<1.500g). *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.14, n.1, p. 1-33, 2001.

CODO, W.; GAZZOTTI, A. A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 48-59.

DIAS, A. M. S. O desenvolvimento pessoal do educador através da Biodança. Dissertação de mestrado não publicada, Departamento de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2003.

ESPINOSA, G. La relation ma"tre - élève dans as dimension affective: un pivot pour une différenciation des pratiques pédagogiques enseignantes? In L .LA FORTUNE & P. MONGEAU (Dir.). *L'affectivité dans l'apprentissage*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2002, p. 159 – 181.

GARCIA, A.; PEREIRA, P. C. C. (2008). Amizade na infância: Um estudo empírico. *PSIC. Revista de Psicologia da Vetor Editora*. São Paulo, v. 9, n. 1, p. 25-34, jan/jun/2008.

Garcia, A. A amizade no desenvolvimento da criança. In: S. Queiroz; A. Ortega; S. Enumo (ed.). *Desenvolvimento e aprendizagem humana: Temas contemporâneos*. Vitória, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2005a. p. 123-140.

GARCIA, A. Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 285-294, jul/dec. 2005b.

INEP. (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais). Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>

MARTURANO, E. M. A. Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola. *Pesquisa: Teoria e Pesquisa*, v.15, n.2, p. 135-142, 1999.

MOLL, J. La dimension affective dans la formation des adultes. In CHAPPAZ, G. (Dir.). *La dimension affective dans l'apprentissage et la formation*. Paris: SFP-UNAPEC, 1999. p. 103-130.

ORNELAS, C. O. Gênero e Amizade. *Mente e Cérebro*. São Paulo, n. 217, p. 46-51, fev. 2011.

RAPPAPORT, C. R. Relacionamento com pais e companheiros na adolescência: uma visão dinâmica. In RAPPAPORT, C. R. ; FIORI, W. R. ; DAVIS, C. *Teorias do*

- Desenvolvimento: A idade escolar e a adolescência* - São Paulo: EPU, 1982. p. 102-106.
- RIBEIRO, M.L.; JUTRAS F. Representações Sociais de professores sobre afetividade. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 23, n. 1, p. 39-45, jan/mar. 2006.
- SALVADOR, C. et al. *Psicologia do ensino*. Porto Alegre: ArtMed, 2000
- SHAFFER, D. R. *Psicologia do desenvolvimento: Infância e adolescência*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- SOUZA, M. P. R. A queixa escolar e o predomínio de uma visão de mundo. In MACHADO A.M.; SOUZA M. P. R. (Org.). *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 18-33.
- SOUZA, L. K. de; HUTZ, C. S. A qualidade da amizade: adaptação e validação dos Questionários McGill. *Aletheia*, Canoas v. 25, p. 82-96, 2007a.
- SOUZA, L. K. de; HUTZ, C. S. Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade. *Psico (PUCRS)*, v. 38, p. 125-132, 2007b.
- SOUZA, L. K. de; HUTZ, C. S. Amizade na adultez: Fatores individuais, ambientais, situacionais e diádicos. *Interação em Psicologia*, v. 12, n. 1, p. 77-85, jan/jun. 2008.
- TACCA, M. C. V. R.; BRANCO, A. U. Processos de significação na relação professor-alunos: uma perspectiva sociocultural construtivista. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 13, n. 1, p. 39-48, 2008.
- VIVALDI, F. M. C. ; DELL' AGLI, B. A. V. Representação de escola em adolescentes com histórico de fracasso escolar. In: CONGRESSO DE PESQUISAS EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO MORAL, 2., 2011 - Conflito nas instituições educativas: perigo ou oportunidade, 2011, Campinas. Anais... Campinas, 2011a, p. 493-510.
- VIVALDI, F. M. C. ; DELL' AGLI, B. A. V. Os sentimentos sobre a escola dos adolescentes com histórico de fracasso. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E PSICOLOGIA GENÉTICAS: INTERLOCUÇÕES E DEBATES ATUAIS, 2., 2011. Marília Anais... Marília: Fundepe, 2011b.

* Trabalho recebido em 13/12/2011 e aprovado em 23/05/2012. O presente texto tem sua origem na pesquisa "Afetividade dos estudantes com histórico de fracasso escolar", desenvolvida no Grupo de Estudos em Psicologia Moral (UNICAMP) e apresentada no II Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral e no II Colóquio Internacional de Epistemologia e Psicologia Genéticas. Na presente ocasião é investigado um novo problema de pesquisa, derivado daquela, com resultados de análises inéditas empreendidas. O trabalho de conclusão de curso da segunda autora também forneceu dados para o presente estudo.

** Doutora em Educação pela Universidade Católica de Campinas. *E-mail*: jussara-tortella@puc-campinas.edu.br

*** Mestranda em Educação pela Universidade de Campinas. *E-mail*: atortella@uol.com.br

**** Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gérias. *E-mail*: lucianak@fafich.ufmg.br